**RESENHA:GAY, ROXANE. *AN UNTAMED STATE*. NEW YORK: BLACK CAT, 2014.**

Autora de um romance, livros de contos e memoriais, a americana Roxane Gay, famosa por seu *best seller* de ensaios entitulado *Bad feminist* (Má feminista) (2014), além de escritora, é também professora de inglês na Universidade de Purdue, colunista do *The New York Times* e representante do feminismo contemporâneo.

Seu único romance até o momento, *An untamed state* (ainda sem tradução para o português), também de 2014, um *thriller* psicológico, é uma história de trauma contada sob a perspectiva da personagem principal, em primeira pessoa, abarcando várias questões tais como casamento, violência, imigração, família e poder.

A narrativa relata acontecimentos da vida de Mireille Duval que, em uma viagem ao Haiti, terra natal de seus pais, onde ainda vivem, é sequestrada. Seu pai, Sebastien Duval, abastado empresário e engenheiro haitiano, recusa-se a pagar o resgate e Mireille é estuprada pela gangue de criminosos que a sequestraram até sua soltura, 13 dias depois.

O romance se divide em duas partes que narram a história de amor e convivência familiar entre a protagonista e seu marido e a vivência de seu trauma após o sequestro, além do relato da violência em si. A história assim se divide por ser um antes e depois de um acontecimento traumático marcante.

Outras questões estão presentes na trama, como etnia e nacionalidade. Mireille é de família haitiana, assim como a própria autora, e seu marido Michael, americano. Na convivência entre famílias, Michael é bem aceito por ser um típico americano de classe média, bonito e branco. Já Mireille não é bem aceita pela família do esposo por ser americana e haitiana - filha de imigrantes -, mesmo que de uma família de classe alta. Sua relação com a sogra é conflituosa no início, mas Mireille decide cuidar da mãe do marido quando ela descobre um câncer. Tal cuidado é retribuído após o sequestro de Mireille quando a sogra a ajuda a cuidar de suas feridas emocionais.

O realismo do romance não o destitui de sua essência de conto de fadas ao estilo irmãos Grimm adaptado para os nossos tempos, em que a princesa tem como antagonista não uma mulher (bruxa, madrasta), mas um homem (o pai, o rei).

A parte 1 do romance começa com o título *Happily ever after* (Felizes para sempre), uma frase que costuma terminar contos de fada romantizados. No romance em questão, porém, o título serve para ser desconstruído ao longo da história que será contada. Nessa sessão, em subdivisões entre cativeiro e vida anterior ao sequestro (*flashbacks*), observamos que Mireille tinha um casamento feliz, um filho ainda bebê, uma carreira e toda uma vida nos Estados Unidos desde o nascimento com a própria família. Seus pais haviam decidido se mudar de volta para o Haiti, onde passaram a viver em uma mansão, pois seu pai havia ganhado muito dinheiro como engenheiro em solo americano. É justamente diante do portão dessa casa que Mireille é levada pelos sequestradores com uma arma apontada para si diante do marido e do filho. As cenas do cativeiro são tensas e cheias de suspense. O pai de Mireille não cede justificando que pagar o resgate levaria os criminosos a repetir o crime com outros membros da família. Após essa decisão, a sequência de estupros começa e nos são contadas de forma explícita. Sob as ordens do chefe da gangue, chamado de *commander*, todos os sequestradores violentam e torturam Mireille física e mentalmente. O ódio à pobreza e à situação do próprio país levam os criminosos a transferirem sua raiva e desprezo por Sebastien para Mireille. Em um momento, Mireille contesta o sequestrador afirmando não ter culpa das mazelas do Haiti. O *commander*, por sua vez, responde que ela era o tipo de pessoa que não fazia nada para mudar a situação, o que seria possível. A ironia é que ambos estavam certos. O medo e o terror tomam conta da história apontando para um final possivelmente trágico. Porém, Mireille é libertada mesmo sem o pagamento do resgate.

A outra seção do livro conta com o título *Once upon a time* (Era uma vez) e relata como a personagem principal vive com o trauma e o quanto deseja se libertar dele. A volta para os Estados Unidos e o afastamento do Haiti não a fazem se recuperar das marcas físicas e das dores psíquicas que agora fariam parte de sua vida. Mireille tenta voltar ao trabalho e resiste, no início, à ideia de buscar ajuda médica e psiquiátrica, mesmo sabendo que poderia ter contraído alguma enfermidade ou ficado grávida. Muito debilitada, passa um tempo afastada do marido e do filho, período em que se recupera na casa da sogra. O transtorno pós-traumático nos é mostrado através de pesadelos e fugas desesperadas de um lugar para o outro em uma tentativa de fuga da realidade: sua mente ainda não estava livre.

Ao final da narrativa, Mireille decide viajar mais uma vez para o Haiti para encontrar o pai após um período de fortalecimento psíquico. Mireille desiste de uma vingança percebendo que ainda havia humanidade e bondade dentro de si, mesmo não o tendo perdoado, como podemos notar a seguir: “When I looked into his face, all I saw was an old man who made a terrible, weak choice and had to live with it for what remained of his life. He did not deserve the truth of how I died.” A seguir, Mireille mente e sente-se liberta: “I came here to tell you I forgive you.”[[1]](#footnote-1) (GAY, 2014, p. 351)

De acordo com Roxane Gay, a primeira versão da conclusão do romance não tinha um final feliz, porém após receber alguns *feedbacks* sobre a história, percebeu que deveria tornar o fim da história feliz de alguma maneira, ou menos desesperançoso. Assim, a autora oferece às mulheres uma saída para uma situação difícil: em vez de morte, vingança, desespero, separações e tantos outros finais pessimistas, a escritora mostra que é possível, através da literatura, retratar a esperança após a vivência de um trauma.

A narração em primeira pessoa possibilita uma sobrevivente de sequestro e estupro relatar sua terrível experiência de forma que ela se torne suportável, funcionando como uma descarga de emoção. Em vários trechos durante o período em que estava em sua “jaula” e após sua libertação, Mireille se define como “ninguém”. Isto é, não conseguia mais se sentir como uma pessoa com identidade.

*An untamed state* claramente faz parte da terceira onda do movimento feminista, iniciado nas décadas de 1980 e 1990, vigorando até hoje em um momento mais maduro do feminismo que passa a criticar outros aspectos que giram em torno da opressão da mulher. A autora engloba a questão da violência contra a mulher em diversos aspectos, tais como desprezo, violência sexual e preconceito. Como símbolo dessa questão, no romance, podemos destacar o corpo da mulher, que é alvo de agressão, sendo o estupro um crime de poder e violência, não de sexo propriamente dito. Assim sendo, o título passa a ser entendido como uma metáfora do próprio corpo de Mireille, um “estado não domado”, que mesmo passando pelo sofrimento agudo de um acontecimento brutal, é capaz de sobreviver.

Sendo assim, o romance deve ser pensado em seus aspectos mais profundos de crítica a uma realidade feminina infelizmente comum, não só em países com profundas desigualdades sociais como o Haiti, mas também em outras culturas.

1. Em uma tradução livre: “Quando olhei para seu rosto, tudo o que vi foi um homem velho que tomou uma decisão fraca e terrível e tinha que conviver com isso pelo que restou de sua vida. Ele não merecia a verdade de como eu morri.” (...) “Eu vim aqui para dizer que te perdoo.” [↑](#footnote-ref-1)